



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

## COMUNIDADE ROSALINA: UM TERRITÓRIO DE MAIORIA AFRODESCENDENTE EM FORTALEZA-CE.

*HENRIQUE CUNHA JUNIOR<sup>1</sup>*

*TIAGO SOUZA DE JESUS<sup>2</sup>*

Resumo: Este artigo tem por objetivo abordar as condições historicamente impostas e a relação dos afrodescendentes com o lugar. Temos como base o pensamento de Henrique Cunha Junior e Milton Santos. Evoca as memórias da família de Tiago Souza de Jesus entre os anos de 1999 e 2003 e reconstrói a história da comunidade Rosalina. Dialogar sobre territórios urbanos de maioria afrodescendente é dialogar sobre o longo processo histórico de luta por partilha do solo urbano brasileiro, do processo de desqualificação da população afrodescendente, dos conflitos de várias ordens, sociais, culturais, políticos, econômicos entre populações afrodescendentes e eurodescendentes. É, enfim, falar da estreita relação que as populações afrodescendentes mantêm com a terra-mãe, o local de vida, as culturas em uma sociedade orientada pelo capitalismo racista. As noções de território de Maioria Afrodescendente, de lugar, etnia, comunidade e ancestralidade são a estrutura do trabalho, como conceitos fundamentais que viabilizam dialogar sobre a especificidade da comunidade Rosalina.

Palavras-chave: Território de maioria afrodescendente, territorialidade negra, memória de população negra. Forma urbana negra.

### INTRODUÇÃO

Abordar processo histórico/ideológico construído em torno da máxima de que no Ceará não existem negros nos faz retomar a fábula, em forma de história oficial, que tem como base o pensamento que os negros haviam deixado o Ceará em busca de outras sortes cinco anos antes de findar o longo processo histórico do escravismo criminoso em, 1888 para o Brasil, sendo que o estado do Ceará aboliu, de certa forma em 1883.

Entendemos que a cidade não é uma construção aleatória, mas produzida por um grupo específico de pessoas, que também são responsáveis pela organização da cidade, os eurodescendentes. Estes, são responsáveis pela falta de infraestrutura física dos territórios de maioria afrodescendentes.

---

<sup>1</sup> Professor titular da Universidade Federal do Ceará. [hcunha@ufc.br](mailto:hcunha@ufc.br)

<sup>2</sup> Professor na Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE). [tiagosouzaj@hotmail.com](mailto:tiagosouzaj@hotmail.com)



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

O espaço é um conjunto de objetos e as relações que são realizadas sobre estes objetos (SANTOS, 1988, p. 71). O espaço tem dois elementos fundamentais: os objetos que constituem este e a ação humana sobre estes objetos em um dado momento histórico. Essa ação, porém, determinada por fatores culturais, econômicos e sociais incide sobre a (re)elaboração da identidade do espaço. “O território étnico ou de população negra é o espaço construído, materializado a partir das referências de identidade e pertencimento territorial, e, geralmente, a sua população tem um traço de origem comum.” (SANZIO, 2009, p. 149)

Seguindo nessa linha de pensamento é que estamos realizando estudos urbanos na comunidade Rosalina, bairro de formação afrodescendente na cidade de Fortaleza, Ceará. Como parte da metodologia da Afrodescendência. Onde o sujeito pesquisador tem íntima relação como o sujeito da pesquisa, informamos que este é o bairro onde vivemos o período de infância (1999 – 2003) e hoje aí nos apresentamos como pesquisadores. A preocupação da pesquisa em curso é com a história da localidade e das relações entre este lugar e as políticas públicas da cidade de Fortaleza. São tratadas a cultura e a memória da população negra sobre a localidade e sobre a relação com a cidade. Os bairros guardam as especificidades que caracteriza um espaço em que compõe em sua maioria Afrodescendentes.

## **O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO**

Um território comum ocupado é uma condição primordial para a permanência de quilombos e comunidades negras tradicionais, que estão presentes até os dias de hoje, sobretudo em solo cearense. (SMDH, 2005) O processo de ocupação da comunidade Rosalina se deu por meio de manifestações de um grupo de um movimento por terras em Fortaleza. O lugar uma vez ocupado, “a questão do espaço habitado pode ser abordada do ponto de vista biológico, pelo reconhecimento e adaptabilidade do homem, como indivíduo” (SANTOS, 1988, p. 37).

A noção de lugar nesta pesquisa comunga com a ideia de Milton Santos que, sob o prisma da Globalização considera que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo.”



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

(SANTOS, 2006, p. 213) No campo afetivo, a relevância que o lugar adquire do habitante está no campo afetivo, o orgulho por ter uma casa naquele espaço habitado transita entre o campo afetivo e a conquista de um lugar para morar, uma condição real de vida. O fato de os moradores terem orgulho de residirem no território reflete essa definição.



Figura 1: Vista da Comunidade Rosalina. Fonte: *Google street view*, 2018.

Os primeiros lotes de terra ocupados na Rosalina limita-se entre a rua 101, Henrique Dias, Matadouro e sete de julho, como podemos ver no mapa acima. Dividindo-se em lotes de 16 metros quadrados, este espaço ocupado formou o que futuramente viria a se chamar Rosalina. Habitações com estrutura de madeira e lonas, para, posteriormente com entrelaçamento de madeiras verticais fixadas no solo, com vigas horizontais, amarradas entre si por cipós. Essa técnica popularmente conhecida como pau-a-pique<sup>3</sup>, como podemos observar na imagem abaixo, disponibilizada pela Associação Comunitária da Rosalina, sem data.

---

<sup>3</sup> A técnica pau-a-pique forma um grande painel perfurado cujos espaços são preenchidos com o uso do barro misturado com água, o que depois de seco dá origem a paredes firmes e resistentes.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



Figura 2: Moradores construindo sua moradia na comunidade Rosalina. Fonte: Arquivo particular da Associação Comunitária da Rosalina, s/d.

Nessa época, a comunidade denominava-se “sem-terra”, o ano de 1996 é a data mais provável de sua fundação. Parte dos primeiros habitantes são pessoas oriundas do bairro Serrinha. A Família Souza de Jesus residiu neste bairro, até surgir os boatos de que “morar lá é de graça.”<sup>4</sup> A chegada da família de Raimunda Araújo se deu em 1999, três anos após o início da ocupação. A comunidade já havia tomado forma triangular vista no mapa acima.

A comunidade Rosalina, um território de maioria afrodescendente, detém parcela da história no que diz respeito ao processo de desenvolvimento da vida dos afrodescendentes nas cidades urbanas brasileira. A história e a cultura partilhada em um determinado espaço formam o que chamamos de Unidade Cultural da Rosalina. Para Henrique Cunha Junior (2007, p. 72) “a cultura de um território de maioria afrodescendente pode ser traduzida pelos conjuntos dos repertórios culturais presentes neste espaço geográfico”. Por territórios de maioria afrodescendente

---

<sup>4</sup> frase dita por Raimunda Araújo de Souza, em entrevista concedida em 02/09/2018.





SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

entendemos como “espaços urbanos em que encontramos outros grupos sociais de origens históricas e culturais diversas, mas que encontra-se a população afrodescendente como maioria, sendo esta a que determina a dinâmica cultural e social desses territórios.” (CUNHA JUNIOR, 2007, p. 71)

Neste sentido, a comunidade Rosalina, espaço habitado em sua maioria por afrodescendentes, detém práticas culturais que marcam o território, produzem conhecimentos, formam métodos, relações sociais, subsidiam a sobrevivência em um território. Sumariamente, chama-nos atenção os múltiplos repertórios culturais do citado território de maioria afrodescendente.

Segundo Maria Estela Ramos, a “Diáspora Africana constitui um projeto de construções de pensamento autônomo, retomando novas perspectivas, [...] representadas por alternativas conceituais, metodológicas, filosóficas e, sobretudo, políticas”. (RAMOS, 2013, 189-190)

Este espaço dotado de práticas culturais, sociais e econômicas assentadas em ausência dos serviços públicos, porque resulta de uma política direcionada para este fim. As relações entre eurodescendentes e Afrodescendentes produzem os bairros desta cidade.

O valor do indivíduo depende , em larga escala, do lugar onde está, já o vimos. Em nosso país, o acesso aos bens e serviços essenciais públicos e até mesmo privados é tão diferencial e contrastante, que uma grande maioria de brasileiros, no campo e na cidade, acaba por ser privada desses bens e serviços. Às vezes, tais bens e serviços simplesmente não existem na área, às vezes não podem ser alcançados por questão de tempo ou de dinheiro. (SANTOS, 1993, p. 111)

O espaço em questão, antes de se constituir enquanto Rosalina, este espaço foi um aterro sanitário, contam os mais velhos. Surge da ocupação de um movimento que lutou por terra, por volta do ano de 1996.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

O nome Rosalina dar-se em homenagem à filha de um dos líderes da ocupação, uma criança que faleceu no final dos anos 1990. Os primeiros parentes da família Souza de Jesus chegaram à comunidade no ano de 1997. Porém, a relação direta da Família com o território inicia-se em 1999, quando Raimunda Araújo e Francisco de Assis adquiriram um lote de 16 metros quadrados na rua Amorim Paiva, sem número.



Figura 3: Imagem da minha antiga casa, na Rua Amorim Paiva. Data: c2005.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Acima, vemos uma imagem da Rua Amorim Paiva, no ano de 2005. É possível observar uma versão reformada da antiga casa da família, ao lado direito da imagem, com paredes de tijolos, pintado de branco. Observa-se que a estrutura de tijolos demonstra que a fotografia é de data posterior a 2003, último ano da família na residência. Tanto a frente da residência, quanto as paredes laterais da casa até 2003, bem como a dos fundos eram construídas de barro, com técnica pau-a-pique. Da



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

esquerda para a direita, identificamos Marcos, um amigo de infância e vizinho. Exímio desenhista.



Figura 4: Imagem da Rua Amorim Paiva, em seu último quarteirão. Imagem da Internet.

Acima vemos uma imagem congelada de uma reportagem que uma ex-liderança juvenil chamada Samuel, concedeu a um jornal local. Na imagem podemos observar o último quarteirão da Rua Amorim Paiva. Ao lado esquerdo, onde vemos um poste público, localizava-se a antiga residência. Observamos que o terreno está cercado, porém sem construção.

Já no lado direito observamos um muro branco, residência de Samuel. E, aos fundos, a casa de Renato, antigo vizinho e amigo de Francisco de Assis. A imagem data de 2009 e observamos algumas mudanças no local. A antiga residência já não existia, o espaço de brincar deu lugar ao matagal e a lamaçal. Em frente casa, havia uma rua de acesso ao posto de saúde, na saída da Rosalina e entrada do Riacho Doce.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



Figura 5: Imagens de uma família de moradores da Comunidade. Data de 2004. Fonte: Arquivo Pessoal.

Acima observamos a fotografia de uma família de vizinhos. Na imagem podemos observar que um rapaz e uma menina, em pé, da esquerda para a direita, fazem um símbolo que significa paz. Na época utilizávamos sempre esse símbolo na comunidade. Com as mãos imitamos a forma de uma pomba branca.

De cócoras, camiseta azul e óculos escuros vemos um amigo de infância, Alex de Tiago Souza. A menina em pé e de blusa de cor rosa é a “*pneu*”, uma amiga de infância que veio a ser brutalmente assassinada anos depois. A imagem também nos traz elementos importantes no que se refere à infraestrutura das residências naquele período: as tábuas, ao lado esquerdo é parte do muro que demarcava o limite da parte frontal da residência de *pneu* e Alex, que são irmãos de Marcos, o rapaz desenhista da fotografia anterior. Na imagem acima vemos também a lateral de uma casa, tal como a antiga casa: feita de pau-a-pique.

É importante imprimirmos a proposta de análise do território de maioria afrodescendente, a fim de buscar atingir os reais problemas envolvidos, a persistência da pobreza, a segregação espacial e social e os antagonismos. Para Cunha Junior, “a produção da pobreza e da desigualdade social é construída sobre uma base de dominação e de estagnação social que denominamos de consequências do racismo” (CUNHA JUNIOR, 2007, p. 69).





SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Faz-se necessário expressarmos de onde falamos. Falamos a partir das heranças africanas, do âmbito da cultura das experiências dos afrodescendentes nos territórios de maioria afrodescendente. “Falamos dos lugares marcados pelas heranças africanas e não de outro lugar qualquer, genérico e inespecífico. Falamos dos lugares que moramos e das experiências sociais que nos cercam.” (CUNHA JUNIOR e RAMOS, 2008, p. 80)

A Rosalina, aqui é pensada como possibilidades sociais, econômicas e culturais, que moldam as vidas e o cotidiano da população residente nesses territórios de maioria afrodescendentes. Na comunidade Rosalina, o campo do palito é o único equipamento cultural existente dentro do território. Esse campo, existente desde o nascimento da comunidade, viabiliza uma série atividades.



Figura 6: Imagem do campo do Palito. Data de 2018. Fonte: Arquivo pessoal.

Esse campo, existente desde o nascimento da comunidade, viabiliza uma série atividades. Nele, aconteceu campeonatos de futebol, havia um time que representa a Rosalina nos torneios de futebol amador da cidade: o Verdão da Vila, dirigido até hoje por Caetano. O campo por muito tempo constituiu-se como um espaço de encontros, brincadeiras, conflitos e confraternização. Nas festas de fim de ano, o campo transformava-se em área de som, onde o dono de um bar no entorno ligava suas



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

caixas amplificadoras no volume mais alto e ali confraternizávamos com a chegada do *ano novo*.

## A DINÂMICA DA CULTURA NA COMUNIDADE ROSALINA

Um espaço habitado por uma maioria de afrodescendentes constitui-se de objetos que remetem à cultura e história afrodescendente em um espaço e tempo, especificamente. A maioria afrodescendente em um dado espaço e lugar é responsável pela dinâmica deste e determina uma série de fatores preponderantes para entendermos o desenvolvimento histórico, social, cultural, urbanístico e econômico do país.

Alex Ratts, intelectual negro e geógrafo, afirma que “a invisibilidade negra (e indígena) no Ceará é um discurso geográfico, político”. (RATTS, 2011, p. 22) É político, pois incide nas políticas elaboradas para atender a população cearense e com isso nunca houve atendimento de qualidade dos serviços públicos à população afrodescendente. Na nossa rua não tem coleta de lixo, um bem público. É geográfico por entenderem que apenas alguns são mapeáveis e étnicos (RATTS, 2011) enquanto outros, não. O Brasil foi o país que mais importou seres humanos africanos e tem o maior número de registros de quilombos, antigos e atuais (ANJOS, 2009, p. 153). Segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Estado do Ceará têm em sua composição étnica 66,53% da população negra<sup>5</sup> (IBGE, 2010). A cidade de Fortaleza, capital cearense apresenta em sua composição étnica 62,12% de sua população negra.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Os dados do IBGE sobre o Estado do Ceará estão condensados em estudos realizados pelo Instituto de Pesquisa e estratégia Econômica do Ceará (IPECE), e no Informe nº 23 observamos que “o Ceará ocupou o 8º lugar na proporção de residentes que se declararam como Pardos (61,88%) e o 24º (4,65%) em que sua população se autodenominou Preta” (IPECE, 2012, p. 4). É importante colocar que para o IBGE a categoria “negro” é a junção das duas categorias Preto e Pardo.

<sup>6</sup> Pardos 57,21% e pretos 4,91%. IBGE 2010.



**SALVADOR E SUAS CORES [2018]**  
**CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL**

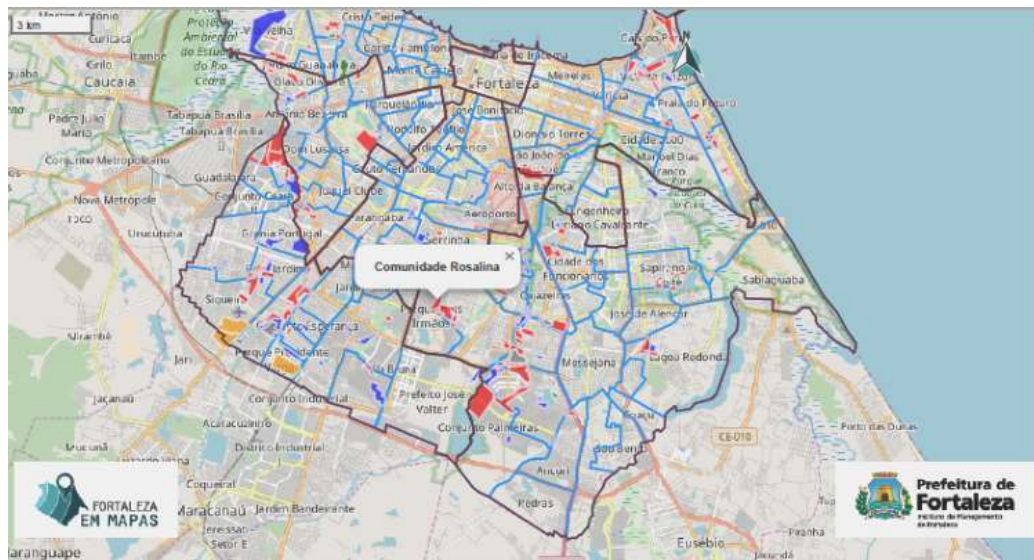


Figura 7: Localização da Comunidade Rosalina em Fortaleza-CE. Fonte: Prefeitura de Fortaleza, 2017.

Os territórios de maioria afrodescendente foram pauta do Movimento Negro com a Frente Negra Brasileira. “Uma das ações concretas dos membros da Frente em São Paulo foi comprar terrenos em loteamentos recém-abertos nas periferias da cidade e fundar núcleos negros formados por casas próprias.” (ROLNIK, 2009, p. 84) Famílias afrodescendentes começaram a imprimir suas marcas no território e dinamizar a cultura local. As marcas identificáveis nas autoconstruções, nas estratégias de driblar o empobrecimento por meio do desemprego, criando oportunidades de trabalho, estratégias muitas vezes de contar metade da verdade sobre o local de residência para não ser excluído do processo seletivo de emprego.

Aos sete anos de idade Tiago Souza conseguiu seu primeiro trabalho remunerado. Vendendo alface, coentro e cebolinha dentro da Rosalina. A dona do negócio e moradora do Parque Dois Irmãos<sup>7</sup> necessitava de mais clientela, porém vender seus produtos dentro da Rosalina, para ela, seria um risco de vida. Daí surge a ideia de ofertar trabalho a algum morador que aceitasse vender sua mercadoria cinco horas diárias, das 07 horas às 12 horas, por um valor de R\$ 2 reais e cinquenta centavos o dia de trabalho. Sob essas condições, Francisco Cláudio e Tiago Souza iniciam seu trabalho em um dia qualquer, do ano de 2002, dentro da Rosalina.

<sup>7</sup> A comunidade da Rosalina está localizada dentro do Parque Dois Irmãos, nesse caso me refiro aos espaços públicos do bairro fora da Rosalina.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Entre os anos de 1999 e 2003, em muitas situações cotidianas deslocávamos para o Campo do Palito para realizarmos algumas atividades de lazer, comumente aconteciam jogos de futebol amador, o Palmeiras, time de futebol amador da Rosalina participava de uma série de campeonatos. Com isso, era comum sentarem ao redor do campo, na frente das casas das outras pessoas e conversar sobre o jogo, sobre a vida, sobre problemas pessoais, angústias, alegrias e tristezas. As crianças utilizavam a lateral do campo para brincar de “pau na lata”<sup>8</sup>, pião<sup>9</sup>, bila<sup>10</sup> ou mesmo futebol. Houve um momento em que o funk esteve em alta na comunidade. No lançamento do grupo de funk Furacão 2000, um morador da Rosalina tinha um equipamento de som com caixas amplificadoras. Por muito tempo o lazer resumia-se em ouvir músicas de funk no campo do palito.



Figura 8: Vista do Cabeleireiro Evandro e do antigo mercado O Paulista. Fonte: Google Street View.

Ao redor do campo do Palito, localizávamos mercados, cabeleireiro, bares, locadoras de vídeo game<sup>11</sup>. A vida acontecia em torno do campo. Haviam piqueniques organizados pelo time de futebol amador da cidade, no qual Francisco de Assis foi

<sup>8</sup> Brincadeira semelhante ao Beisebol, porém, brincada com um uma bola de tênis, pedaços de madeiras e garrafas *pet*. O objetivo do jogo é arremessar a bola de forma que atinja a garrafa *pet* do adversário.

<sup>9</sup> O pião é conhecido como carrapeta, pinhão em outros locais do Brasil e *xindire*, *n'teco mbila* em algumas regiões de Moçambique.

<sup>10</sup> Bila é uma variação de peteca e bola de gude, amplamente disseminado no país.

<sup>11</sup> Locadora de vídeo game é o nome dado a um espaço em que se paga para utilizar o vídeo game por determinada hora e preço. Naquela ocasião, juntamente com o cabeleireiro, era o único estabelecimento a oferecer tais serviços dentro da comunidade.





SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

jogador por muitos anos. Esse time com frequência organizava jogos com times de outras cidades, tais como Maranguape, Sobral, Pacajus, dentre outras cidades que foram locais em que viajaram para prestigiar o confronto entre os times. Um ônibus era locado pelo clube com apoio financeiro da comunidade. O campo do Palito foi por muito tempo o ponto de encontro, que acontecia às 04 horas da manhã. A alimentação era de responsabilidade de cada família, porém, durante o almoço havia compartilhamento da alimentação entre todos de forma que nenhum participante ficasse sem se alimentar. Por vezes perguntado por seu filho o porquê de tanta comida nas sacolas e Raimunda Araújo respondia que “era para gente comer bem.” Nem sempre era assim.

O lazer acontecia nas vias públicas, ruas da Rosalina. A estrutura específica das ruas da Rosalina aproxima as habitações umas das outras. Havia mais sentido a realização do lazer na rua, que em um espaço específico distante, ainda que o campo ficasse a 10 minutos de qualquer residência da Rosalina. Até mesmo devido o compartilhamento do momento com a vizinhança e o suporte das casas para realização do lazer. Algumas dessas situações só fazem sentido se acontecer na porta de casa. Neste sentido, as ruas e o campo do palito eram de uso constante para o lazer.

“A rua, como espaço público, era o lugar das vivências cotidianas, das trocas, das festas religiosas e cortejos, enfim, espaço de socialização. Para as elites, no entanto, a rua se tornou terra-de-ninguém, perigosa porque mistura classes, sexos, idades, funções e posições de hierarquia. [...] a superposição de funções e o uso coletivo do espaço, além da estratégia de sobrevivência designam o modo de vida, modos de vida estes que delineiam formas e usos do espaço com suas próprias lógicas, razões e significados que vão muito além da simples precariedade da pobreza ou reflexo da prática da escravidão.” (RAMOS, 2007b, p. 109)

Todos esses espaços públicos, as ruas, as quitandas, o campo de futebol, são locais onde a vida na Rosalina acontece. Pois “a vida se realiza num tempo e espaço coletivo, no qual as pessoas que participam das práticas sociais e culturais vão atribuindo sentidos às dinâmicas que se concretizam em um dado lugar-instante” (DAMIÃO, 2007, p. 47) Cada morador ainda hoje confraterniza, cria e dinamiza a cultura no local. Produzem conhecimento e estabelecem formas de sobreviver à



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

realidade imposta por um grupo de pessoas de origens distintas dos moradores da Rosalina.

João Paulo Pinto Có, Investigador Permanente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa da Guiné-Bissau – INEP, certa vez em um evento acontecido em Fortaleza<sup>12</sup> nos afirmou que os conflitos existentes entre os seres humanos até os dias atuais, configuram-se como conflitos de disputas por espaços. Finaliza afirmando que “do ponto de vista histórico, sempre foi assim.” (CÓ, 2017) Cunha Junior nos coloca que os conflitos entre eurodescendentes e Afrodescendentes é o que marca o real desenvolvimento da História do Brasil<sup>13</sup>.

Os dados expostos nos estudos de Eduardo Neto e Juliana Riani que mostram as desigualdades étnicas nas habitações em cidades brasileiras (NETO e RIANI, 2009) são, na verdade, produto do que Cunha Junior chama de desqualificação da população afrodescendente. (CUNHA JUNIOR, 2016). A elaboração do bairro Aldeota e Comunidade Rosalina na mesma cidade não podem ser vistos como casos históricos. Explicá-los pela chave do capital, do trabalho ou da falta de sorte de alguns grupos sociais seria, na verdade, negar todos os conflitos entre eurodescendentes e Afrodescendentes que envolvem um processo de desqualificação social e disputa por espaços.

Esses espaços onde a vida acontece, pertence um solo urbano conquistado, porém, não regularizado. Na verdade nós conquistamos a moradia. O direito, a legalização da habitação continua precária. O problema, neste sentido é legalizar os espaços, a moradia. A falta de legalidade dos territórios tornam as pessoas residentes na Rosalina ilegais. A Lei 6.766 de 19 de dezembro de 1979, o solo urbano por lei<sup>14</sup> deveria ser de uso social, ao mesmo tempo em que esse uso social necessita do aval do poder público local, o que ainda não aconteceu.

---

<sup>12</sup> VIII Memórias de Baobá.

<sup>13</sup> Os eurodescendentes que fazem parte do conflito com os afrodescendentes no território em questão são os responsáveis pela desqualificação social que os afrodescendentes sofrem, são os definidores de políticas e os que controlam a economia da cidade. Os eurodescendentes são, portanto, habitantes do território que determinam a elaboração dos bairros e das localidades.

<sup>14</sup> Lei 6.766 de 19 de dezembro de 1979: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6766.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6766.htm)



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Raimunda Araújo chegou a fazer três cadastros em um posto de saúde nos limites da Rosalina com o Riacho Doce. Por trás dos cadastros estava a esperança de receber melhorias no local onde habitava. Papéis e assinaturas foram entregues, o ano era 2001 e dona Raimunda jamais recebeu qualquer habitação nova.

Em 2009, Maria Neusa Barbosa da Silva, então líder comunitária da Rosalina, denunciou em uma reportagem a um jornal local, disponível na internet<sup>15</sup>, que a população residente próximo a rua 101 são privilegiados, pois quando

“[...] Chove lá em cima, 15 minutos depois está tudo sequinho e para onde é que corre a água? Aqui para baixo! [...] e na minha concepção quem deveria ter se mudado na primeira etapa e está lá em cima, era esse pessoal daqui de baixo. Então, as 400 famílias que estão morando lá em cima são as famílias lá de cima. Muitos deles pessoas que nem cadastro tinham aqui. [na Associação]” (SILVA, 00:02:01seg.)

A Rosalina está em um terreno irregular, no sentido de que apresenta um declive no lugar, onde a rua 101 é o ponto mais alto da comunidade, e a rua Matadouro o ponto mais baixo. Em momentos de chuva a água escoava para o local onde morei, próximo a rua Matadouro. Internamente, a população considera um “privilégio” residir próximo à rua 101, visto que as residências apresentam maiores condições de infraestrutura e está no pico de um declive. Abaixo podemos visualizar a rua 101, a rua matadouro e o local de minha antiga residência, identificável através do balão azul ao lado do marcador vermelho.

---

<sup>15</sup> Disponível online em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_jWUP-UV6qk](https://www.youtube.com/watch?v=_jWUP-UV6qk)> acesso em 10/10/2018.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



Figura 9: Imagem da Rosalina, via Google Maps. Ano 2018.

Ao longo dos dias de percursos urbanos, percebemos uma prática comum nas sociedades Bantu e presente em determinadas situações na Rosalina. Trata-se do trabalho cooperativo informal. Este acontece

“[...] nas terras de uma família. Nesta os anfitriões convidam os vizinhos para ajudá-lo e promove uma festa em recompensa ao trabalho. O clima de trabalho é de amizade solidariedade e festa. Não existe muita hierarquia e nem uma perfeita organização. O trabalho é completamente espontâneo.” (CUNHA JUNIOR, 2010, p. 87)

Tiago Souza foi convidado para ajudar na construção da laje da residência de Francisco Cláudio. Chegando ao local, encontrou dois vizinhos, o padraсто de Francisco, seus primos, tia e um rapaz com um carro de som ligado tocando músicas de forró. Na mesa improvisada havia carne assada, uma grelha, cerveja, refrigerante e um clima de alegria.

Enquanto trabalhavam na construção, ouviam música, bebiam e compartilhavam momentos de humor da vida cotidiana. O clima era de solidariedade. Quando terminado as atividades, todos foram para suas residências, sem remuneração, mas com sensação de dever cumprido. A moeda de troca é a solidariedade. Em outros momentos, caso necessário, os anfitriões se tornarão convidados e os convidados anfitriões na construção ou reforma de casas da Comunidade.





SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Nesse retorno, Tiago encontrou pessoas que quando havia chegado em 1999 já residiam no território. Na Rua Edson Alves, reside uma família que está na Rosalina desde sua fundação e são amigos da família há mais de 20 anos. Foi evidenciado nos percursos urbanos que membros da família, que residem há 21 anos na Rosalina, conquistaram um respeito por todos que conhecem ali. O gesto protagonizado pela chefe da casa, que bateu no peito com orgulho levantando a voz afirmando “eu moro aqui desde que ela (a Rosalina) nasceu” é representativo do acúmulo repetitivo da experiência humana, que está ancorada na ancestralidade.

Percebe-se que o tempo que residem na Rosalina determina uma série de questões: é fundamental para garantia de respeito pelos demais membros da comunidade; Quanto mais tempo reside lá, mais respeito recebe dos demais, sobretudo dos mais novos. Observa-se, portanto, uma hierarquia que tem a ver com o tempo de vínculo que cada um tem com o território de maioria afrodescendente. O tempo de relação com o território permite o acesso a espaços (ruas e vielas) então privados aos mais novos.

Tempo e espaço na ancestralidade explica o fato das famílias mais antigas da Rosalina serem respeitadas pelos mais novos. Os mais velhos são representantes da primeira geração daquele espaço no tempo presente. São detentores da narrativa de todos os espaços e dos tempos da Rosalina.

### **CONCLUSÃO**

O processo de desqualificação social da população afrodescendente atua no campo econômico, social, cultural, político e urbano. A população afrodescendente ainda ocupa lugares de difícil acesso nas cidades brasileiras e em consideráveis níveis de desigualdade social, devido a desqualificação social e o capitalismo racista antinegro.

Tem-se a visão de que os moradores da Rosalina vivem nas condições atuais porque são pobres. O constatado é que estes vivem esta situação por que foram desqualificados em uma política eurodescendente que mina os investimentos públicos no território em prol de uma parcela da sociedade, que são eurodescendentes. Portanto, não estamos nessa situação porque somos pobres, mas porque não



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

recebemos as devidas intervenções do poder público local no âmbito do solo urbano ocupado pela população afrodescendente da Comunidade.

Ainda são muitas as dificuldades para se conseguir emprego residindo na Rosalina. O estigma existente de que os residentes na comunidade são propensos à criminalidade é uma realidade. Observamos que no período compreendido entre 1999 e 2003 poucos eram os estabelecimentos comerciais dentro da Rosalina, em relação à década atual.

As lembranças traduzem cerca de 10 estabelecimentos comerciais, entre padarias, quitandas, mercados, cabelereiro. Atualmente, cerca de 30 estabelecimentos comerciais existem dentro da Rosalina. Esse número cresce diariamente. Durante a pesquisa, foi inaugurada uma pizzaria dentro da Comunidade, por um morador. Para fugir das condições impostas pelo estigma que carregam por residirem na comunidade da Rosalina, os moradores estão apostando suas sortes no empreendedorismo.

A comunidade tem uma Associação Comunitária, um grupo de capoeira, uma escola na entrada da comunidade, bem como posto de saúde, creche. Porém, foram 20 anos para conquistar investimentos ínfimos no território. Acontece que todos esses equipamentos públicos estão localizados fora da Rosalina. E isso nas relações sociais cotidianas é um problema.

Quando criança, Tiago Souza precisava estudar, e assim como hoje, as escolas existentes ficavam fora da Rosalina, no bairro Parque Dois Irmãos. Lá, o nome de Tiago foi substituído por “sem-terra”. O ano era 1999. Poucos meses depois a comunidade foi denominada de Rosalina e Tiago passou a ser chamado de “favelado da Rosalina” pelos colegas da escola. Alguns pais e mães buscavam saber qual a origem dos estudantes que estavam com seus filhos, que por sua vez tomavam conhecimento do local de sua residência e utilizavam-se dessa informação para desqualificar e excluí-lo do espaço escolar.

Observamos que ainda temos muito que avançar nos estudos acerca das múltiplas Comunidades, os territórios de maioria afrodescendente na cidade de Fortaleza. Partir



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

da especificidade desses territórios e de dentro do território para fora dele, observamos que a Rosalina é um lugar de realização da vida. A Rosalina é uma conquista social, pois tem-se onde morar. E esse sentimento é que rege nossa relação com território. É necessário que as políticas públicas urbanísticas tenham conhecimento de tal realidade, pois a destruição das habitações para reconstrução em outro lugar destrói essa relação com a terra, que para a população afrodescendente é a maternidade, o ventre-mãe. (OLIVEIRA, 2006).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Territórios étnicos: espaço dos quilombos no Brasil. In: SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais**: O negro na Geografia do Brasil. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2009 (Coleção Cultura Negra e Identidade), 2. Ed. 203 p.

CUNHA JUNIOR, H. **Territórios de Maioria Afrodescendente**: Segregação Urbana, Cultura e produção da Pobreza da População Negra nas Cidades Brasileiras. Revista Desenvolvimento Social, v. 1, n. 2, 2008.

\_\_\_\_\_. **Metodologia Afrodescendente em Pesquisa**. Ethnos Brasil, ano 6, p. 69-80, 2008.

\_\_\_\_\_. **Lugar Fora da Idéias Urbanísticas**: População negra, Bairros Negros e a produção das cidades. In: III Simpósio Nacional Sobre Democracia e Desigualdades- DEMODE, 2016. (Simpósio).

\_\_\_\_\_. **Cultura Afrocearense**. In: CUNHA JUNIOR, Henrique; SILVA, Joselina da; NUNES, Cícera. (Org.). Artefatos da Cultura Negra no Ceará. 1ed.: 2011, v. 1000, p. 102-132.

\_\_\_\_\_. Espaço Urbano e Afrodescendência. In: CUNHA JUNIOR, Henrique e RAMOS Maria Estela Rocha. (Orgs) **Espaço Urbano e afrodescendência**: Estudo da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas. Fortaleza: UFC Edições, 2007.

DIOP, Cheikh Anta. **A unidade cultural da África negra**: Esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Portugal: Edições Pedagogo. 2ª Ed. 2014.

FORTALEZA, Prefeitura de. **Fortaleza em Mapas**. Fortaleza: 2018. Disponível online em: <http://mapas.fortaleza.ce.gov.br/#/> acesso em 28/02/2018.

DAMIÃO, Flávia de Jesus. Na rua, no beco: Infância afrodescendente no Arraial do Retiro. In: CUNHA JUNIOR, Henrique e RAMOS Maria Estela Rocha. (Orgs) **Espaço**



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

**Urbano e afrodescendência:** Estudo da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas. Fortaleza: UFC Edições, 2007.

NETO, Eduardo Rios; RIANI, Juliana de Lucena Ruas. Desigualdades raciais nas condições habitacionais da população urbana. In: SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais:** O negro na Geografia do Brasil. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2009 (Coleção Cultura Negra e Identidade), 2. Ed. 203 p.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Cosmovisão africana no Brasil.** Curitiba: Editora Gráfica Popular. 2006.

RAMOS, Maria Estela Rocha. **Território afrodescendente:** Leitura de cidade através do bairro da Liberdade, Salvador (Bahia). 186 p., Mestrado (dissertação) – Universidade Federal da Bahia, Fac. de Arquitetura, 2007a.

\_\_\_\_\_. Origem da segregação espacial da população afrodescendente em cidades brasileiras. In: CUNHA JUNIOR, Henrique e RAMOS Maria Estela Rocha. (Orgs) **Espaço Urbano e afrodescendência:** Estudo da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas. Fortaleza: UFC Edições, 2007b.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. In: SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais:** O negro na Geografia do Brasil. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2009 (Coleção Cultura Negra e Identidade), 2. Ed. 203 p.

SANTOS, Milton. O Espaço do Cidadão. São Paulo: Nobel, 2. ed 1993.

\_\_\_\_\_. Metamorfose do Espaço Habitado. São Paulo: HUCITEC, 1988.

\_\_\_\_\_. Por uma Outra Globalização, 2004. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção. 4 ed. São Paulo: UDESP, 2006.

SMDH. Sociedade Maranhense de Direitos Humanos. Projeto Vida de Negro. São Luís: Negro Cosme, 1º ed., 2005.